



Clube Desportivo 'Os Águias'

ALPIARÇA

BOLETIM COMEMORATIVO DO CINQUENTENARIO DO CLUBE

Edição da Secção Cultural

Fevereiro / 1973

Apresentação

«Fazemos votos para que a semente agora lançada frutifique ao ponto de poder vir a ser publicado, senão mensalmente, pelo menos trimestralmente, um Boletim que seja, não só o porta-voz da Direcção junto dos sócios, como também uma tribuna onde estes possam expor os seus pontos de vista sobre os mais diversos assuntos do Clube, quer desportivos ou recreativos, quer educativos ou culturais».

Era este o cartão de visita com que um grupo de sócios se apresentava, há 19 anos, aquando do lançamento de um Boletim impresso com as características acima mencionadas.

Há 19 anos portanto, este apelo dirigido a todas as pessoas, no sentido de darem continuidade a uma obra valiosa, não encontrou eco na massa associativa do Clube — a semente não frutificou.

É neste sentido que nos apresentamos, hoje, mais uma vez, como um grupo de sócios, que se propôs, ao elaborar o conteúdo deste jornal, não só dar continuidade a uma obra já iniciada anteriormente, mas também informar toda a grande massa associativa do Clube, daquilo que tem sido a actividade das suas diversas secções ao longo de cinco décadas de actividade. Assim, será possível ao leitor aperceber-se imediatamente, não só pela consulta dos dados que damos a conhecer, mas também pelas opiniões de pessoas interessadas que aqui quiseram deixar manifestada uma determinada opinião qual a situação concreta das secções que deram vida, projecção e razão de ser ao clube, tanto no passado como no presente, e quais são as directrizes traçadas neste momento para assegurar uma continuidade de todo o processo clubista geral, que supomos e propomos rejuvenescido, e portanto não sujeito a influências individualistas e irracionais.

A Secção Cultural

A leitura e as pessoas ou vice-versa

Verifiquei há dias que na sala da Biblioteca dos Águias se encontrava afixado na parede um gráfico contendo o número de livros saídos mensalmente e verifiquei também, pela leitura desse gráfico, a porção insignificante dos livros que saíram mensalmente, em relação ao número de Sócios dos Águias e ao próprio número de volumes existentes na Biblioteca.

Fiquei um pouco alarmado por constatar que a figura abstracta daquela linha quebrada me indicava, quase pedia, que o lesse atentamente e que, face ao que estava nele desenhado, o interpretasse e o desse a conhecer a todas as pessoas, para que todas elas se apercebessem do seu significado e paralelamente do estado crítico de uma Secção do Clube.

Pensei mais: — tendo presentes os gráficos de saída de livros das outras colectividades da terra que

continua na 2.ª página

Perspectiva da Futura Actividade Desportiva

Como o título deste artigo deixa antever, só se poderá falar sobre uma futura actividade desportiva dentro do Clube, quando se tiver a absoluta certeza que há condições para isso.

Acreditamos que essas condições surjam espontaneamente, a partir do momento em que o Ginásio-Sede seja realidade, o que está prestes a acontecer.

Como o próprio nome indica,

Continua na 7.ª página

As Assembleias Gerais e os Sócios

A Secção Cultural esteve na última Assembleia Geral Extraordinária do Clube efectuada no dia 4 de Dezembro de 1972, para tratar de assuntos relativos à construção do seu Ginásio-Sede.

Achámos prioritário dar a conhecer a toda a grande massa associativa do Clube tudo o que de importante foi nela dito e aprovado. Transcrevemos por isso um comunicado da Direcção, feito pelo seu Presidente:

«Estimados Consócios:

Tenho o prazer de lhes comunicar que, felizmente, aquela primeira parte de mais difícil concretização, no dizer da grande maioria dos sócios, está vencida. E está vencida pelas seguintes razões:

— Temos um projecto aprovado,

temos os cálculos em nosso poder — que ainda não se encontram na Câmara porque nos faltam documentos do Sr. Arquitecto Samuel Quininha, e que virão dentro de dias —, temos o problema da Câmara resolvido, visto já termos a escritura feita — um dos grandes problemas que a maioria dos associados levantava, por se pensar que nunca se chegaria a realizar —, e portanto a partir de agora podemos já começar a construir.

E se podemos começar, aproveito para vos dizer, para vos lembrar, mesmo àqueles que não estiveram em Assembleias anteriores, que, quando se discutia aqui o problema da nova Sede, sempre se falava que

Continua na 3.ª página

UNIVINHOS

Sociedade de Armazenistas de Vinhos
do Ribatejo, S. A. R. L.

VINHO MADURO

CASAL DA PINHEIRA

MARCA REGISTADA

Engarrafado para bons apreciadores

1 — 0,70 — 1/2 — 0,35 L.

Aguardente e licorosos engarrafados

Engarrafonado de 5 L.

Branco e Tinto com 11°, 12° e 13°

Rosé com agulha "UNIVINHOS"

Destilarias de vinhos e bagaço de uva

SEDE E ESCRITÓRIO:

ALPIARÇA — Rua Dr. Bernardino Machado

Telef. 54102

Teleg. UNIVINHOS

ENGARRAFAMENTO:

ALMEIRIM — Rua do Pinhal e Bernardo Gonçalves

Telef. 52521 e 52064

As Assembleias Gerais

Continuação da 1.ª página

o mais difícil era começar. Nesse caso o mais difícil foi ultrapassado, o que prova que não foi difícil. Hoje sim, a partir de hoje encontramos-nos na parte mais dura da obra e está nas vossas mãos a concretização de tamanho empreendimento.

Posso-vos dizer de uma maneira resumida o que se tem feito para dizer que já se enviou um pedido de subsídio ao Fundo de Fomento do Desporto. Já enviámos uma carta ao Ministro das Obras Públicas para receber em audiência uma Comissão dos Águias para fazermos o respectivo pedido. Já mandámos essa carta porque entendemos que seria melhor apresentar o problema directamente ao Sr. Ministro das Obras Públicas, e de seguida enviar o respectivo projecto através da Câmara para a Junta de Urbanização de Santarém, ficando deste modo tudo tratado pelas vias legais que estes casos requerem.

Claro que também tenho que afirmar que a Direcção se sente um pouco desamparada — os Sócios confiam em demasia e isso não pode ser porque seja qual for a Direcção que leve uma obra de tal envergadura a bom porto, deve ser bastante ajudada, tanto material como moralmente.

Os Sócios dos Águias, na minha opinião, têm um defeito, ao pensarem da seguinte maneira: a Direcção faz, a Direcção resolve, o que ela fizer e resolver está bem feito, mas não pode ser assim porque há muita coisa a fazer e o Clube é formado por mais ou menos 1000 sócios e o trabalho tem de ser de todos e não de uma minoria, neste caso a Direcção. Talvez não vos passe pela mente os problemas, as dificuldades que até aqui nós temos tido e elas têm-se vencido, mas é verdade que se não houver uma ajuda, um apoio, nós cansamo-nos, desmoralizamos e é pena porque é uma obra que quanto a mim é das melhores que ficam em Alpiarça.

É uma altura de nós nos reunirmos, mas não é só aqui que dizemos vamos trabalhar como tem acontecido em todas as outras Assembleias em que é tudo a ajudar mas aqui dentro porque no dia a seguir já se esqueceram das suas promessas.

Ora, posto isto temos a dizer que o Fundo de Fomento já nos enviou uma resposta, embora não directamente da origem, mas através da Câmara Municipal de Alpiarça em que o Subsecretário da Juventude e Desportos nos diz:

Segundo comunicação do Governo Civil de Santarém, através do qual se fez seguir o pedido de subsídio para construção do ginásio-sede

dos Águias, foi ali recebido o ofício n.º 4114 - P.º 03.474.01.01, de 2 de Novembro de 1972, da Direcção Geral de Educação Física e Desportos, do qual se transcreve a parte que interessa:

«Em referência ao ofício acima mencionado, informo V. Ex.ª que o assunto mereceu o nosso melhor interesse e foi submetido à consideração de S. Ex.ª o Secretário de Estado da Juventude e Desportos em 6 do corrente mês.

Atendendo no entanto à falta de disponibilidades financeiras do Fundo de Fomento do Desporto, o pedido deve aguardar melhor oportunidade».

Ora isto não nos surpreende na medida em que a Direcção cansou-se, lutou e trabalhou imenso para que o projecto fosse apresentado no Fundo de Fomento a tempo e horas, porque a informação que nós tínhamos era de que o projecto deveria dar entrada até fins de Setembro. Não foi possível, porque sabem que praticamente fizemos tudo isto sómente com a ajuda de alguns asso-

Ministro pensámos em contactar com um sócio do Clube, residente em Lisboa. Puse-mo-lo ao corrente daquilo que necessitávamos, e ele informou-nos que realmente poderia entrar em contacto com alguém com influência dentro do F. F. D. e M. E. N., tivemos sorte, na verdade, porque esse sócio tomou conta de toda a documentação a tratar junto das entidades oficiais. Até este momento aguardamos uma resposta, no sentido de nos ser marcada uma audiência.

Assim como ao Ministério das Obras Públicas também enviámos uma carta a marcar audiência. A pessoa que contactámos tem influência junto do Sr. Ministro, estamos a aguardar também uma resposta. Não sabemos qual a data, mas sabemos que será ainda este ano, no entanto podemos informar que tanto o Secretário como o Sr. Ministro nos comunicaram que para este ano já não será possível o dispêndio de verbas, visto que o projecto deu entrada depois de Setembro, no entanto para o ano já nos será concedida uma verba, visto que o Plano de Fomento prevê o dispêndio de verbas para construções deste tipo em todas as localidades do país.

As coisas estão mais ou menos encaminhadas, mas claro, são sempre demoradas e nós vamos aguardando.

e os Sócios

ciados e de alguns que não são sócios, e o projecto entrou depois de Setembro, portanto já sabíamos que não nos concederiam a verba este ano. Mas a Direcção julgando que não pode ficar de braços cruzados perante esta resposta, resolveu fazer deslocar a Lisboa, três elementos, há cerca de quinze dias. Fui eu (Presidente), Tesoureiro e um Vogal.

Fomos directamente ao Fundo de Fomento de Desporto, mais uma vez, já lá tínhamos ido à dois anos, falámos com o Sr. Arquitecto Serras Moura, que é o arquitecto que aprecia os projectos de pedidos de verba para subsídios e pedimos esclarecimentos e a melhor maneira de chegar junto da entidade superior (Direcção-Geral ou Secretário-Geral) pedindo para que nos dissessem uma importância aproximada do que nos dariam mas ao mesmo tempo compatível com as nossas necessidades, ou vamos lá, aquela parte monetária que nos poderiam dispensar e marcaram-nos uma data para conhecermos a importância que nos poderiam dar, nem que fosse gradualmente.

Como em Alpiarça não encontramos pessoas influentes junto do Sr.

De qualquer maneira pensámos que mesmo sem a ajuda do Estado pudéssemos fazer desde já alguma coisa, deste modo fizemos o contrato para a cobertura, para a qual já demos uma prestação (119 000\$00) tendo os cálculos sido fornecidos gratuitamente pela empresa, e agora estamos a elaborar o caderno de encargos para pormos em concurso como foi decidido pela Comissão Técnica constituída pelos construtores de Alpiarça juntos com o Sr. Engenheiro Gameiro e foi decidido que seria mais vantajoso para o Clube pôr o caderno de encargos a concurso.

Já estamos a fazer contas sobre o betão armado, lages e já chegámos à conclusão que podemos começar, isto no caso de a Massa Associativa assim o entender.

Teremos como primeira fase: a estrutura do Ginásio na qual a parte de cobertura já está justa, os anexos do Ginásio (balneários), e o rés-do-chão da parte da Sede isto em parte de betão armado.

Não vamos pôr a concurso nem a tapagem nem o chão. Limitámo-

Continua na 13.ª página

Continuação da 20.ª página

deria ter o seu tempo demasiado ocupado e daí o não lhe ser possível escrever nada.

Foi nestas condições que ficámos esperando o seu artigo.

E foi a espera tão longa que resolvemos não esperar mais!

Enviámos-lhe então um ultimato:

Dr. Sérgio Ribeiro
«Diário de Lisboa»
Amigo e Senhor:

Serve esta carta como «ultimato», convidando-o a não se esquecer de escrever o artigo que nos foi prometido no dia 14-12-72, depois da conferência feita pelo Senhor nesta terra.

Recordamos que o artigo prometido versaria o tema «Desporto», relacionado com tudo o que foi dito nessa conferência.

Informamos que na próxima 2.ª-feira, dia 15, seguirá para Lisboa um membro desta Secção Cultural para recolher o possível artigo.

Sem outro assunto de momento,

pela consciência de falta) a acompanhar o «ultimato»! Com a lata de me «prenderem» a um compromisso que eu teria tomado (não nego!) lá prás tantas da manhã, «quente» pelo convívio e pelo que acompanhou o convívio.

Oh amigos, o que eu vos posso dizer é que gostava de preencher a minha vida em noites como a que passámos. Primeiro, muitos a falar do Desporto, depois, alguns a falar de tudo. Além disso — confesso — não me está nada a apetecer escrever — mais uma vez — sobre o que tanto tenho falado e escrito, por aqui e por ali (e por aí, também). Às vezes acontece. É uma espécie de cansaço, talvez a incapacidade para encontrar coisas novas para dizer, ou dizer de outra maneira diferente o que já foi dito várias vezes. Trata-se — confesso, de novo... — no acto de escrever — uma coisa que gosto de fazer.

E já enchi uma página sem dizer nada. Em cavaqueira nesta outra página, vou-me socorrer de um recorte de um jornal, e traduzi-lo. Assim talvez saia alguma coisa «de jeito».

ciativa: «Hoje, a F. S. G. T., o momento desportivo, são confrontados com uma situação completamente nova». Há uma crise no desporto francês traduzindo insatisfação crescentes das necessidades, das dificuldades acrescidas para organizar e desenvolver o desporto de massas e de alto nível para fazer viver os clubes, formar quadros, etc. O descontentamento nasce e as lutas têm tendência a desenvolver-se, associando sempre mais largamente as categorias respectivas. Nesta situação as responsabilidades da F. S. G. T. aumentam, especialmente, as dos seus grandes clubes locais.

«O fim de semana de estudos tem por fim situar esses clubes, ajudá-los a definir soluções, objectivos, modalidades das suas organizações e funcionamento a fim de que elas respondam sempre melhor às necessidades das massas em matéria de desporto e de educação, e contribuam mais eficazmente para as lutas gerais que da F. S. G. T. para a difusão das más ideias e concepções».

É o desporto para os trabalhado-

DUAS CARTAS

subscrivemo-nos com elevada consideração.

Saudações Culturais

P S. — Esperamos que não leve a mal o tom brincalhão em que foi escrita a carta.

Recebemos de seguida a resposta ao «ultimato» com o seguinte teor:

— De Alpiarça veio um «ultimato»: escrever, para o «Boletim dos Águias», qualquer coisa sobre Desporto. Depois de um serão em que conversámos sobre o tema, depois de uma saudação amiga em forma de três pequenas garrafas de uma excelente aguardente (logo acrescentada por uma garrafa «adulta» de outra origem mas de igual qualidade...), depois de um «ligeiro» convívio, à volta de uma mesa, que durou até quase manhã (até ao esgotamento das reservas que me podiam consentir que fizesse a viagem de regresso guiando um automóvel), depois de um balanço (nessa viagem sozinho pela madrugada/manhã), e de ter achado que «valeu bem a pena», depois de tudo isto... um «ultimato»!

E ainda por cima com a «insinuação» de que eu me comprometera e que o artigo «já cá deveria estar»! Ainda por cima, a reprimenda (ou a chamada ao remorso

O jornal é francês, de 27 de Dezembro, e começa assim:

«Registamos, com interesse, o alargamento constante dos debates sobre a evolução do fenómeno desportivo. A F. S. G. T., cujo Congresso Nacional tinha abordado, de uma maneira que qualificamos de moderna, realista, séria, problemas tais como o da democracia no funcionamento dos Clubes, colocou na sua agenda de trabalhos, para Janeiro, um fim de semana de estudos, com o mesmo desejo de uma justa progressão. De Amiens chegam-nos informações também interessantes. O sector é outro, é o de uma «Casa da Cultura, e as iniciativas em curso de programação reteram a nossa atenção».

Esta entrada é assinada por R. P. e seguem-se comentários mais pormenorizados sobre as iniciativas. Esclareça-se que F. S. G. T. é a Federação Desportiva ligada à central sindical francês C. G. T.

A F. S. G. T., no seu comunicado, nota que o importante fim de semana de estudos, referindo-se aos grandes clubes locais, da federação, na região de Paris, é uma iniciativa que responde a uma recomendação do congresso nacional: «Não há nada de mais urgente que promover verdadeiros clubes F. S. G. T. respondendo às condições da nossa época». E precisa a sua ini-

res, no âmbito de acção do CGT. O fim de semana será o de 20-21, e em Villejuif, mesmo à saída de Paris. Alguém interessado? E que possa?

Quanto à outra iniciativa (outra hipótese para algum animador cultural-desportivo, fazedor de colóquios?) é a da Casa da Cultura, de Amiens, que é uma das nove, que actualmente existem em França.

Em Abril último, a Casa da Cultura de Amiens organizou as Jornadas Nacionais de Informação, com grande êxito, e decidiu que «de 8 a 16 de Maio próximo, jornalistas, políticos, sociólogos, médicos, desportistas amadores e profissionais debaterão os múltiplos problemas postos na vida desportiva de uma Nação».

Logo depois dizem: «filmes, representações teatrais, exposições, ateliers de trabalho e manifestações desportivas permitirão apreender melhor esse fenómeno cultural que é o desporto, procurando interessar um largo público pelo carácter de actualidade que essas jornadas devem revestir».

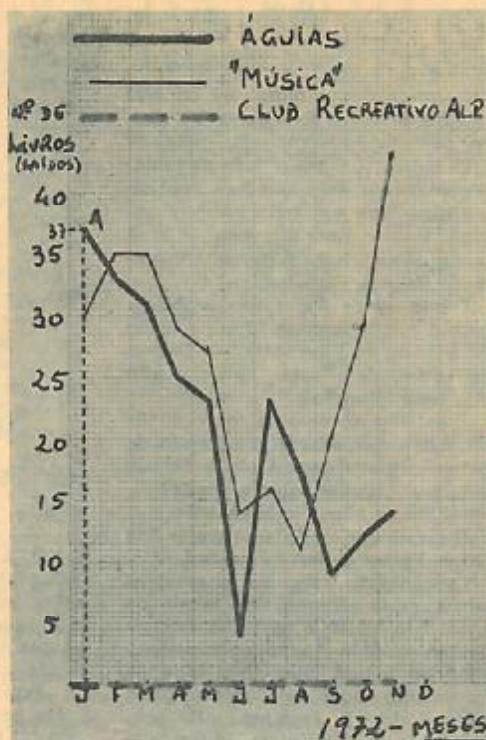
Porque não ir ver para aprender e realizar as Jornadas culturais ou desportivas de Alpiarça, para daqui a algum tempo e muito trabalho!

Às vezes gosto de sonhar...

Um abraço,

Sérgio Ribeiro

A leitura e as pessoas ou vice- -versa



Continuação da 1.ª página

possuíssem uma Biblioteca própria, e podendo confrontar os respectivos gráficos de saída de livros, este trabalho tornar-se-ia muito mais interessante, porque me seria possível trabalhar e raciocinar em termos de conjunto.

Passemos entretanto a analisar o gráfico e a compreender aquilo que os dados nele inscritos nos querem dizer e demonstrar.

Para o leitor mais desprevenido e que encontre dificuldade na leitura dos gráficos passamos a seguir um exemplo de possível leitura:

— Este gráfico é traçado, unindo os pontos indicados pelas correspondências entre os meses do ano e os livros que saem nesses meses. Para isso, existe um eixo onde são marcados os números correspondentes à saída de livros para esses meses (eixo vertical).

É o que se passa por exemplo, para o mês de Janeiro (J), indicado no eixo horizontal, e para o número de livros saídos nesse mês (37). Estas correspondências entre os meses e números de livros determina um ponto (A). Se fizermos corresponder para todos os meses o número de livros saídos nesses meses, determinamos vários pontos. Unindo todos esses pontos definimos o gráfico.

No quadro acima estão inscritos três gráficos — um a traço grosso continuo indica-nos a saída dos li-

vros da Biblioteca dos Águias — outro a traço fino continuo indica-nos a saída de livros da Biblioteca do Clube Recreativo Alpiar-cense.

Passemos de seguida a analisar os gráficos:

1 — Para o gráfico correspondente à Biblioteca dos Águias (A) encontramos os seguintes valores: — em onze meses de actividade (Janeiro a Novembro), saíram da Biblioteca cerca de 200 volumes — o que representa uma saída média mensal de 22 (21,6) livros.

Considerando o número de Sócios dos Águias (972) e relacionando esta indicação com o número de livros saídos mensalmente, verificamos que somente 2% dos sócios deste Clube vão por mês à Biblioteca e levantam volumes.

2 — Para o gráfico correspondente à Biblioteca da S. F. A. 1.º D. encontramos os seguintes valores: — para onze meses de actividade (Janeiro a Novembro), saíram da Biblioteca cerca de 300 volumes, o que nos indica uma saída média mensal de 27 (27,2) livros.

Se considerarmos o número de Sócios da S. F. A. 1.º D., actualmente 1 007, e o relacionamos também com o número de livros saídos mensalmente, verificamos que somente 3% (2,7%) dos sócios daquela colectividade vão por mês à sua Biblioteca e levantam volumes.

3 — Para o gráfico correspondente ao Clube Recreativo Alpiar-

cense encontramos uma movimentação nula de livros durante o mesmo período acima referido.

Ou porque a Biblioteca não tem condições — não renovação de livros, más instalações etc., ou porque a maioria dos associados tem Biblioteca própria ou são sócios de outro Clube que tem biblioteca, ou porque não existe um efectivo interesse pela leitura, ou por outros motivos, este não tem valor para o nosso estudo, porque viria falsear não só possíveis comparações — abismais para serem verdadeiras — como também qualquer conclusão final.

Não podendo contar com este último gráfico, podemos estabelecer uma comparação entre os outros dois — C. D. A. e S. F. A. 1.º D. — se o C. D. A. tem aproximadamente 1 000 sócios e só dois sócios em cada 100 vão mensalmente à sua Biblioteca consultar livros; se a S. F. A. 1.º D. tem aproximadamente 1 000 sócios e só 3 em cada 100 têm o gosto pela leitura, podemos concluir que o interesse geral pela leitura em ambas as Colectividades não é de maneira nenhuma agradável — 2% para 3% de leitores mensais.

Não será muito difícil compreender, ou pelo menos tentar compreender, que o estado crítico desta Secção Cultural, ou das congéneres da terra, não é mais do que o reflexo de uma posição tomada colectivamente pelos Sócios dessas colectividades que por este ou aquele motivo, entendem que, se existem secções dentro do Clube que servem os interesses da massa associativa, essas secções não serão as culturais.

Tudo o que digo é entendível para um determinado momento histórico, é evidente.

A análise dos números que nos indicaram e reflectiram uma determinada realidade, só pode ser compreendida no momento indicado pelo gráfico — 1972.

A Secção está em crise, está adormecida. No entanto, houve período em que a Biblioteca registou momentos grandes de actividade e 1953 é um exemplo: — só nesse ano houve mais de 2 000 leituras domiciliárias. E foi esse período que se registou uma coincidência agradável e engraçada — ao interesse apreciável pela leitura correspondeu um interesse apreciável por iniciativas culturais — leituras comentadas, conferências, palestras e exposição de livros.

Só podemos induzir daqui que as pessoas acreditavam no valor da actividade cultural e compreendiam o real valor da cultura como mo-

Continua na 7.ª página

O Teatro ontem e hoje

Continuação da 20.ª página

as coisas não mudaram muito desde então. No entanto podemos acrescentar que não foi tanto uma questão financeira que nos levou a pensar na criação de um grupo de teatro, como até hoje tem acontecido, mas sobretudo uma questão de ordem cultural, pois é verdade que, no que respeita a teatro, não é nem creio que alguma vez tivesse pretendido ser um simples divertimento.

É precisamente neste ponto que pretendemos mentalizar o público Alpiarçense. Que ninguém apareça no teatro à espera de assistir à representação de mais uma peça para divertir a rapaziada. Não!, porque o sorriso poderá ser amarelo! Quem quiser ir ao teatro, que vá mesmo, mas com disposição de utilizar a sua massa cinzenta e de a pôr a trabalhar! Digo isto, porque, a ainda recente representação da «Grande Cegada dos Touros, Mulheres e Fado», pelos Bonacreiros, muito deixou a desejar, inclusivamente, houve quem dissesse que mais valia estar numa taberna do que estar a assistir a um espectáculo daqueles. Também é verdade que devido à rapidez (necessária) com que as personagens falavam e ao carácter fundamentalmente simbólico da peça, se tornasse difícil para a maioria dos espectadores uma assimilação de todo o conteúdo. Torna-se agora necessário prevenir as pessoas para irem ver teatro mas predispostos, desta vez, a utilizarem a massa cinzenta e de a porem a carburar.

Outro problema nos surge para analisar: — o problema que surge da dificuldade constante de se encontrarem colaboradores femininos para qualquer género de trabalho, desde que não sejam «Bailes das Sortes», «Grupos Folclóricos», e outras organizações semelhantes.

Deixem-me dizer-lhes, que vós, pais, sois tão ignorantes e ingénuos ao acreditarem que o teatro é negócio de prostitutas, como o menino que acredita que os bebés são trazidos pela cegonha.

De resto, os pais que receiam pelo possível exibicionismo que possa levar as filhas a fazer teatro, con-

vençam-se duma coisa: — se elas assim pensam e se alguém é culpado pelo modo como elas pensam, essa culpa recai em grande parte sobre vós, pais, que não lhes soubestes dizer que em tudo há dois caminhos: — o bom e o mau —, mas que qualquer deles é caminho e portanto deve ser conhecido.

Quero ainda focar um problema para o qual apenas a futura opinião do público será resposta: — Depois de terem visto estas peças, serão elas uma injeção?

E estarão novamente todos vocês dispostos a ir ao teatro sabendo de antemão que a peça é chata demais para ser compreendida e aceite?

— Talvez sim... e talvez não...

De qualquer modo a pergunta fica no ar. Tentar nunca foi perder!

Leocádio do Vale, que ensaiou as peças, pode afirmar, sem receio de errar, que houve a tentativa de adaptar António Aleixo ao momento histórico actual, quer pelo jogo de movimento, quer pela apresentação integral do «Ti Joaquim», quer pela tentativa de dar forma àquilo que foi para nós sempre informe, ou mais

simplesmente: deixar de apresentar uma cegada sem conteúdo, tipo «Enterro do Galo»; contestar tudo o que até aqui se fez na arte de declamar palavras cá neste burgo (salvo honrosa excepção) e procurar transmitir tudo o que António Aleixo nos quis deixar — triunfaremos?

Penso ter focado os pontos que mais conviriam focar sobre o tema teatro, naturalmente no que diz respeito a esta «Santa Terrinha».

Apenas vos quero transmitir a certeza que o teatro é trabalho honesto de gente honesta que quer trabalhar; que é efectivamente alguma coisa de urgente; e que é sobretudo necessário manter-se não só entre o restrito número de sócios do Clube, mas também no sector cultural unido de que deveria fazer parte toda a população de Alpiarça!

CARMEN

NOTA DA SECÇÃO CULTURAL

— na altura da distribuição do jornal, a última parte deste texto perderá um pouco do seu sentido original, porque nessa altura já terá sido efectuada a estreia das peças referidas no texto.

No entanto, incluímos a redacção integral para o texto não perder um pouco do seu conteúdo.

Como eu vejo o Teatro que tentamos erguer em Alpiarça — e como eu vejo as dificuldades que se nos apresentam no recrutamento de novos membros

Na verdade chegou o momento de dizer qualquer coisa acerca disto, e porque não fazê-lo?

Vou mesmo focar certos aspectos que estão a dificultar o crescimento daquilo que ainda há tão pouco nasceu, e que eu, assim, como todos, queremos que cresça e progrida mais e mais para que na realidade venha a dar bons frutos.

— É evidente que muita gente não calcula as dificuldades que aparecem ao criar-se um Grupo de Teatro!

— É evidente também que essa mesma gente que pode dar a sua participação nem sequer pensa em tal!...

— É evidente que nós sabemos ainda que muita gente tem uma ideia muito errada acerca do que é e do que pode vir a ser o nosso grupo...

— É evidente que nós sabemos também que o maior problema está, como sempre esteve, na falta de raparigas no grupo. Mas sabemos também que essas mesmas gostavam de dar a sua colabora-

ção, mas como andam a estudar e o pretexto de falta de tempo para o estudo, são muitas vezes desviadas do teatro.

Há outras ainda que não têm este problema, mas sim a oposição por parte dos pais (não sei porque será), contudo parece-me que até fazem grande força para que as suas filhas não colaborem no que de bom e positivo é para todos nós, o teatro.

Será que estes pais têm medo que as filhas possam ir para casa ensiná-los depois? Será mesmo isto? Não creio.

— É evidente ainda que estes de quem tanto falamos não sabem que temos falta de elementos no grupo, e que necessitamos da colaboração de todos... e todos não somos demais!

— É evidente também que muita gente não sabe que o único objectivo presente no nosso espírito é aquele que nos animou desde o princípio: FAZER TEATRO.

Emídio

Se queres que o Teatro seja uma realidade em Alpiarça, apoia a nossa iniciativa, junta-te a nós, inscreve-te no Grupo de Teatro Amador de Alpiarça. Só assim será possível darmos continuidade a uma obra que a todos beneficia e dá respeito.

PERSPECTIVA DA FUTURA ACTIVIDADE DESPORTIVA

Continuação da 1.ª página

Ginásio-Sede deixa ver um problema de utilização que terá de ser analisado em duas partes distintas:

— ou é um casarão para servir de Sede ao Clube, e neste caso já antevemos a sua utilidade — bailes e outras actividades congêneres de carácter puramente recreativo — negativa, na medida das possibilidades enormes que um Ginásio-Sede pode oferecer tanto no campo desportivo, como cultural e recreativo;

— ou então é uma Sede, que serve ao mesmo tempo de Ginásio com condições mínimas para toda a espécie de realizações — recreativas, culturais e desportivas que podem e devem servir toda a colectividade.

Dentro da perspectiva desta segunda parte será feita a análise da utilização integral dos recursos oferecidos pelo pavilhão.

Assim, partamos do princípio assente que as instalações «burocráticas» — gabinetes das diversas secções, — o bufete, a sala de convívio, — Biblioteca, etc., reúnem as condições para proporcionar o mínimo de conforto e acolhimento a todos os sócios actuais e futuros. Sendo assim os sócios tirarão o máximo de prazer deste Clube — sentem-se satisfeitos porque encontrarão nas instalações o calor e o acolhimento que têm em casa.

Partamos também do princípio que as instalações onde serão efectuadas as manifestações recreativas e desportivas reúnem também as condições indicadas atrás. Sendo assim, o Clube terá um Ginásio-Sede com pelo menos as condições mínimas para nela se poderem praticar não só as modalidades recreativas, como também e sobretudo as actividades desportivas.

Não nos debruçaremos, na nossa análise, à utilização do Ginásio-Sede como pavilhão recreativo. Interessa-nos analisar a sua utilização simplesmente como um local onde o Desporto possa ser não só praticado como interpretado.

Para isto recordemos que desporto popular não é o que é visto por grandes multidões, mas tão somente aquele praticado por muitos milhares de pessoas.

Sendo assim, achamos que o Clube tem imenso trabalho a desenvolver, e tem também abertas todas as potencialidades que este tipo de pavilhão oferece para a prática do desporto, sendo para tanto necessário chamar colectivamente todos

os miúdos, adolescentes e adultos e fazer compreender na prática a toda essa massa de pessoas a necessidade do desporto, não só como complemento do quotidiano fastidioso de cada um, mas também como uma das melhores formas de libertação espiritual alcançada pelo movimento.

E não serão a ginástica, o basquete, o volei, entre muitas outras, de formas típicas de movimentação?

Ou será o futebol, o desporto de «barba rija» para homens?

Não serão por exemplo a ginástica, o basquete, o volei, o badminton, formas válidas de descontração do corpo para todas as pessoas, tanto homens como mulheres?

Ou vamos também criar uma equipa feminina de futebol?

Não encontrarão as mulheres, neste Ginásio, o espaço necessário para a sua movimentação e libertação? — espaço esse que lhes falta no lar, no emprego, na rua?

— Querer é poder!

Queiramos nós todos movimentar-nos, queiramos nós sair deste marasmo diário embrutecedor, queiramos nós praticar desporto, caminharemos a passos largos para os alvares de uma sociedade justa, sã e igualitária!

ARMINDO

LIVROS RECENTEMENTE ADQUIRIDOS

«Reforma ou Revolução» — Rosa Luxemburgo.

«O Desporto na Sociedade» — P. C. Mc. Intosh.

«Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado» — Friedrich Engels.

«A Mulher na Sociedade Contemporânea» — Colóquios na Faculdade de Direito.

«A Economia nas Sociedades Modernas» — Oskar Lange.

«Um actor em Viagem» — Rogério Paulo.

«As Cooperativas em Questão» — Debates.

«A Ilha está cheia de vozes» — João Medina.

«Antologias da Seara Nova» — Vols. I-II.

«Do Capitalismo e do Socialismo» — A. J. Avelãs Nunes.

«Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal» — Joel Serrão.

«Ensino — Sector em Crise» — Rogério Fernandes.

A todos os amigos que, com os seus anúncios, possibilitaram a distribuição gratuita deste jornal comemorativo do Cinquentenário do Clube, endereçamos os nossos

Agradecimentos

A leitura e as pessoas ou vice-versa

Continuação da 5.ª página

tor propulsor da educação e do desenvolvimento.

Progressivamente esta Secção foi caindo no impasse que todos verificamos pelos dados apontados atrás. Perdeu-se o gosto pela leitura, a actividade cultural é reduzida, a Secção perdeu o seu prestígio, a estrutura da própria Biblioteca só muito recentemente foi actualizada, embora ainda não exista a necessária actualização dos volumes por falta de verba.

No entanto há um grupo de sócios que quer trabalhar. Quer chamar novamente as pessoas para a sua Biblioteca. Quer despertar os Sócios — venham às sessões de

cinema, venham às conferências sobre Teatro, sobre Desporto, sobre Alcoolismo; vão ao Teatro lerem este jornal, vão apreciar as obras que os jovens escolares fizeram para vos oferecer, venham oferecer-nos um livro, facultem-nos dados para podermos todos compilar a História do Clube, construamos juntos a nossa Sede, compreendamos o valor da Cultura, mas não FIQUEMOS PARADOS!!!

Mudam-se os tempos...

Lutemos contra o marasmo intelectual, contra a masturbação psíquica, contra o embrutecimento animal!

...Por aqui mudam-se as vontades. E por aí???

A. V. 1920

Camarinhas, Lda.

Agentes da MOBILLOIL PORTUGUESA

Depositários da SAPEC

ADUBOS E PESTICIDAS

Telef. 54160

ALPIARÇA

Algumas coisas sobre Desporto

Continuação da 20.ª página

B foram só sorte, o Campeão continua em forma; A é imbatível e B é uma porcaria.

Mas um súbito pensamento o assalta: E se C ganhasse no domingo que vem? Mas não... Não tem hipóteses... E na terça-feira teve assunto de conversa até à hora de deitar.

Na quarta-feira mudou de assunto: Há o totobola para fazer, e desta vez tem cá uma fêzada!...

Na quinta concordou que C é um adversário perigoso.

Na sexta pensa se poderá ir ver o encontro C-A, mas não pode; ainda não pagou a contribuição, tem de comprar livros para o miúdo, e afinal no domingo passado gastara mais que o que tinha previsto. Mas é pena, pois será um grande jogo...

No sábado desejou que o dia passasse depressa. Amanhã é domingo e irá passar uma bela tarde calma, agarrado ao transístor que gritará «Gôôôôôô!... Gôôôôôô!» quantas mais vezes melhor...

///

Sabemos que o desporto deve ser praticado por todos e também sabemos que isso não acontece. Aquele desporto que se pratica pelo prazer de praticar, que produz no indivíduo desenvolvimento e bem-estar físicos por um lado, e por outro segurança e calma e um talvez discutível espírito de equipa (discutível pelo facto de «equipa» ter um significado relacionado com competição, por acaso não desportiva), esse desporto é conhecido (quando o é) pela maioria da população apenas nos livros; maioria essa que até coincide com as classes «mais desfavorecidas»...

Assim praticam-se essencialmente dois tipos de actividade desportiva:

1) O chamado desporto amador. Seria francamente positivo se não existissem certas «entidades» mais ou menos oficiais cujo papel é subjugar o desportivismo que realmente exista ao mito do Campeão, do Homem-Músculo, dum certo clubismo doentio e ainda a muitos factores económicos em que eles são grandes interessados...

E claro que estas actividades são mais praticadas pelos jovens, por uma questão de tempo livre, e principalmente porque um homem casado, com filhos, com impostos, com um trabalho extenuante e um

salário baixo, não vai certamente encontrar condições para uma prática desportiva saudável.

E entre os jovens, são estudantes quem tem menos dificuldades na questão desportiva. E é pena que muitos deles descurem o seu papel activo (crítico) na sociedade e vão por aí fora lambendo as botas ao senhor desporto-comércio e não só...

2) O desporto profissional, que todos conhecem. Diz-se: Tem valor como espectáculo; Vê-se um jogo de futebol como se vê uma peça de ballet. Pelo seu valor artística. Aí o profissionalismo dos jogadores-artistas seria aceitável. Mas não é assim. Nós não vemos um desafio de futebol (futebol, como exemplo mais gritante) pela arte que se traduz na coordenação de movimentos das duas equipas, ou na harmonia que existe nas evoluções condicionadas do esférico; Não se repara no todo constituído por 22 elementos que se movem nuns determinados moldes, ligados por um motivo comum e restringidos por umas certas regras aceites previamente. Nada disso, o que interessa

é o resultado; E saber se o Bom jogou bem ou mal, isto é, se conseguiu ou não aumentar o prestígio da equipa.

E havendo pessoas que pensam nos aspectos não comerciais, tudo é feito para lhes fazer esquecer isso, e assim existem os relatos (3 a 2, ganha Fulano), o Totobola, os jornais «desportivos», os resumos televisivos e toda a engrenagem de campeonato e de taça.

E agora: Quem ganha com o estado de coisas que permite que se comprem e vendam jogadores como se fossem cavalos de corrida? Quem tem lucros com o fanatismo clubista quando 40 000 pessoas que não praticam desporto larguem entre trinta e trezentos escudos para verem (mal) outros jogarem? E quando tanta gente por nunca poder praticar desporto, tenta identificar-se com um ídolo futebolístico, ou quando, como na possível historieta anterior, um indivíduo tem a cabeça cheio de bolas enquanto o devia utilizar numa atitude crítica relativamente a tanta coisa (estas questões, por exemplo), quem lucra com isso?

Claro que o leitor diz: — Pois é, mas para resolver isso, tem-se que resolver outras coisas antes...

E fique o leitor sabendo que tem toda a razão.

M. H.

Alguns dos muitos livros que se encontram à sua disposição na Biblioteca do Clube

«Uma Abelha na Chuva» — de Carlos Oliveira.

«Um Americano em Hanoi» — de Hamison Salisbury.

«Avieiros» — de Alves Redol. Teatro I, II, III e IV» — de Bertolt Brecht.

«A Cabana do Pai Tomás» — de Harriet Bercher Stowe.

«5 Obras Primas da Novela Contemporânea» — Jean Paul Sartre, John Steinbeck, Panait Istraiti, David Herbert Lawrence e Thomas Mann.

«Degelo» — de Ilya Ehrenburg. «As Classes Sociais» — de Georges Gorvitch.

«Deus Lhe Pague» — de Joracy Camargo.

Djmilia» — de Tchighiz Aritmatow.

«Drama do Terceiro Mundo» — Diversos.

«Felizmente há Luar» — Luís de Sttau Monteiro.

«O Estrangeiro» — de Albert Camus.

«Exílio Perturbado» — de Urbano Tavares Rodrigues.

«História Popular da Música» — de Luís Freitas Branco.

«Os Jovens e a Escolha de Profissão» — Diversos.

«O Judeu» — de Bernardo Santareno.

«O Macaco Nu» — de Desmond Morris.

«A Mãe» — de Máximo Gorki.

«Maio e a Crise da Civilização Burguesa» — de António José Saraiva.

«Mas Deus é Grande» — de José Régio (poesia).

«Ser Poeta» — de Dário de Bastos (poesia).

«Senso Comum e Guerra Nuclear» — de Bertrand Russel.

Um ano de actividade cultural

Começou a actividade cultural do Clube no passado ano, com a projecção de filmes culturais no Salão de Festas da Sociedade Filarmónica Alpiarcense «1.º Dezembro» em colaboração com a Secção deste Clube.

Efectuaram-se as seguintes sessões cinematográficas:

No dia 6 de Janeiro de 1972 — foi apresentado o seguinte filme enviado pela Embaixada do Brasil — Rio — Retrato de uma cidade.

Dia 13 de Janeiro — foram apresentados os seguintes 6 filmes:

Embaixada do Japão — Ciência e Tecnologia, Juventude Japonesa, Educação Obrigatória no Japão.

Embaixada do Brasil — Carnaval do Rio de Janeiro.

Embaixada da Alemanha — Campeonato Mundial de Ginástica Artística, Alexandre e o automóvel sem o farol esquerdo.

Dia 20 de Janeiro — foram apresentados os seguintes filmes:

Embaixada da Alemanha — Sobre o desporto na Alemanha.

Embaixada do Japão — Um perfil de uma Nação moderna.

Embaixada da Suécia — Souvenir from Sweden.

Embaixada da Inglaterra — Defesa, conservação do solo, repovoamento florestal, A Lavoura na Escócia, Feira agro-pecuária escocesa.

Dia 3 de Fevereiro — foram apresentados os seguintes filmes:

Embaixada do Brasil — Carnaval no Rio.

Embaixada do Canadá — Universo e Crianças de 4 a 5 anos.

Alpiarça — Carnaval à 50 anos.

Dia 24 de Fevereiro — foram apresentados mais 6 filmes:

Embaixada da Inglaterra — Grassland Farming.

Embaixada do Canadá — Rancho de gado, Climas da América do Norte, Néné Novo, Dia do casamento, O Mundo a seus pés.

Dia 8 de Março — foram apresentados 7 filmes das seguintes embaixadas:

Embaixada do Canadá — Terríveis aos dois, confiantes aos três; Sociáveis aos 6 e barulhentos aos 9.

Embaixada da África do Sul — Sinfonia Austral, Oficina de um Continte.

Embaixada de Espanha — Las Canárias, A Feira de Sevilha, La Costa del Sol.

Dia 22 de Março — foram apresentados mais 8 documentários:

Embaixada do Japão — As jovens

do Japão, Japão Industrial, O Japão estação por estação, Japão 1970.

Embaixada dos Países Baixos — E o mar já não era, A Holanda de hoje, Apresentação da Holanda.

Dia 26 de Abril — foram apresentados os seguintes filmes:

Embaixada do Canadá — Timidez, Jornada transcanadense, Angottee, história de um pequeno esquimó.

Embaixada do Japão — Arquitectura moderna do Japão, Aprendizagem de novas técnicas no Japão, Judo.

Dia 10 de Maio — foram apresentados os seguintes filmes:

Embaixada do Brasil — As cidades de aço, Progresso por um fio, Brasília — acre, Bahia, cidade de todos os santos.

Embaixada de Espanha — Mallorca, isla del Sol, A propósito de Baleares, Sol, playa e touros, La Mancha.

Dia 19 de Maio — foram apresentados filmes agrícolas do Grémio da Lavoura de Alpiarça e filmes de Basf e ainda o filme «Alpiarça há 50 anos».

Fizeram-se ainda duas conferências no Salão de Festas da Sociedade Filarmónica Alpiarcense «1.º Dezembro» em colaboração com a sua Secção Cultural.

Uma orientada por Rogério Paulo, sobre Teatro, no dia 3/7/72, e outra em 13/12/72, orientada por Sérgio Ribeiro que versou o tema «Desporto».

Levou esta Secção a efeito no dia 15 de Outubro, integrado nas Comemorações do Cinquentenário do Clube, uma representação teatral no Ginásio da Escola Preparatória José Relvas, que nos foi gentilmente cedido, pelo Grupo de Teatro Laboratório de Lisboa «Os Bonecreiros» ao qual assistiram mais ou menos 350 pessoas.

Foi criado durante o mandato desta Secção um Grupo de Teatro que veio a representar nos dias 28/12/72 e 3/1/73 dois autos de António Aleixo — «Auto do Curandeiro» e «Auto do Ti Joaquim». Estas representações foram feitas no Cine-Teatro de Alpiarça que nos foi gratuitamente cedido pelo seu empresário. Aproveitamos para endereçar os nossos agradecimentos a todas as pessoas que colaboraram directa ou indirectamente, para que estas duas realizações tivessem efectivação.

Durante o período de 24 de Dezembro/72 a 1 de Janeiro de 1973 foi realizada uma Exposição de Pintura, Desenhos e Trabalhos Manuais,

no Salão de Fumo do Cine-Teatro de Alpiarça, mais uma vez gentilmente cedido pelo seu empresário.

Esta Exposição versou o tema «O Natal visto pelas Crianças» e no qual colaboraram as Escolas Primárias do Concelho, a Escola Preparatória José Relvas, assim como a Sino, com oferta de material para pintura e trabalhos manuais que foi distribuído por todas as crianças que frequentam as Escolas Primárias do Concelho e a Escola Preparatória José Relvas.

Foram adquiridos durante este mandato os seguintes livros:

«O Crime do Padre Amaro» — Eça de Queirós; «Sobre o Capitalismo Português» — Textos Vértice; «Sexualidade e Feminilidade» — B. Muldworff; «Mulher Desiludida» — Simone de Beauvoir; «Boletim Meteorológico» — César Pratas; «Meu Canto Terra» — Costa Mendes; «Fátima Desmascarada» — João Ilharco; «Histórias do Cárcere» — Juan Gómez Casas (oferecido); «Carpintaria Civil» — Biblioteca de Instrução Profissional (oferecido); «Ocupação» — Autores Vários (oferecido); «Saltimbancos» — Dário de Bastos (oferecido); «Ser Poeta» — Dário de Bastos (oferecido); «Sou» — Dário de Bastos (oferecido); «Realidades e Fantasias» — Dário de Bastos (oferecido); «Máscaras» — Dário de Bastos (oferecido); «Mar» — Lígia Bastos (oferecido); «Literatura Revisionista na U.R.S.S.» (oferecido) — Nova Realidade; «Processo Arquívado» — Norberto Sena; «Jamba» — A. Rego Cabral; «Movimento Pendular» — Luísa Martinez; «Seara Nova Antologia» — Volume I; «Seara Nova Antologia» — Volume II; «A Ilha Está Cheia de Vozes» — João Medina; «Do Capitalismo e do Socialismo» — A. J. Avelãs Nunes; «Um Actor em Viagem» — Rogério Paulo; «Este Livro que Vos Deixou» — António Aleixo; «Leticia e o Cabo Júpiter» — Domingos Monteiro; «A Estrela» — Alan Nixon (oferecido); «Ninguém em Nenhuers» — Virgílio Godinho; «Cooperativas em Questão» — Edição Seara Nova; «O Canto e as Armas» — Edição Nosso Tempo (oferecido).

Está a Secção neste momento comprometida em adquirir mais 60 livros para actualização da Biblioteca do Clube, embora neste momento esta Secção se debata com o problema de falta de espaço e de estantes para colocação desses mesmos livros.

A Secção Cultural

Contribuições para a história do Clube

Continuação da 20.ª página

Numa fotografia tirada no domingo de Páscoa de 1922, por consequência 6 meses antes do «nascimento» do nosso Clube, vêem-se: Antero Malhou (Zamora), João Catarino Duarte, Raul Catarino Duarte, Dr. Manuel Avelar, Fernando Oliveira Coimbra, Renato Pinhão, Dr. Raul José das Neves, Manuel Duarte (Lélé), Júlio Malhou da Costa, Manuel Tendeiro e João Valentim de Sousa. Outros, que ao tempo também jogavam, como o Joaquim Pereira de Almeida, Adolfo Fernandes, João Avelar, Joaquim Durão (filho) e Joaquim Francisco Calado, não figuravam na foto, por não terem alinhado naquele dia.

Envergavam camisola dividida verticalmente em duas metades, sendo a direita vermelha e a da esquerda branca e calção azul. Mais tarde as cores das camisolas foram invertidas.

Podemos, por isso, e sem favor, considerá-los os pioneiros do futebol em Alpiarça e a mola impulsora da fundação dos Águias.

Para tal se realizaram umas reuniões em casa do Adolfo Fernandes, na Rua Direita — hoje com o n.º 232 da Rua José Relvas e pertencente a Isidro dos Santos. Por lá se discutiram planos, assentaram-se ideias e surgiram como fundadores do Alpiarça Futebol Clube «Os Águias»: Joaquim Francisco Calado, Joaquim Pereira de Almeida, João Mendonça Avelar, João Pinhão, José Pinhão, Adolfo Fernandes, António da Silva, Manuel Maria Carolo, Frederico Narciso, Francisco Tendeiro Gameiro, Francisco Pimentel, António Infante Parreira e Renato Pinhão.

Terraplanou-se o campo com os meios técnicos então disponíveis (nasceu por esta altura aquele que viria a inventar as actuais terraplanadores!), carregava-se cada domingo com os postes das balizas — para a trave levava-se uma corda que sempre pesava menos... — e no terreno que é hoje a horta de D. Maria Lico, no Pinhal da Torre, treinava-se e jogava-se com «Os Leões», «Os 13», «O Bleirense», «O Operário», «O Chamusca», «O Almeirim», ora cá, ora no campo dos adversários.

Pouco tempo se serviram daquele «Estádio», pois mudaram logo de seguida para outro em frente, agora uma vinha, Herd. de Jacinto Botelho Falcão, e por ali se mantiveram uns anos.

Entretanto arranjava-se uma se-

de, a primeira sede dos Águias, um pequeno corredor que presentemente tem o n.º 183 da Rua José Relvas, então propriedade de José da Silva Coelho (José Gago), e onde há uma oficina de sapateiro. Volvidos poucos meses lá foi deabalada para outra casa do mesmo senhorio, na Rua António Granjo, n.º 4, neste momento dos Herd. de Vitor Miguel Coutinho. Iniciou por esta altura alguma actividade recreativa e ali se manteve pouco mais de um ano, talvez até princípios de 1926.

O aumento da massa associativa e a necessidade de lhe arranjar melhores cómodos e mais espaço para a vida administrativa, obrigou a nova mudança para uma casa da que é agora a Rua 5 de Outubro, com o número 21, e que ao tempo pertencia a Francisco Fidalgo.

Entretanto e com o aparecimento de mais sócios, surgem valores para a prática de novas modalidades desportivas, que se vieram juntar ao futebol.

Apareceram praticantes de atletismo, que treinavam no quintal da nova sede, e que ao representarem o Clube em Santarém, no campo dos Leões, conseguiram esplêndidas classificações: João Pinhão, o 1.º lugar em pedestrianismo; João Catarino Duarte, o 1.º no lançamento

do peso, no conjunto das duas mãos; Manuel Tendeiro, nos saltos em altura.

Também por esse tempo, talvez 1924, Apolinário de Oliveira, na 1.ª volta a Coruche em ciclismo, obteve um 1.º lugar e nos anos seguintes, na 2.ª volta, Edmundo Maria Nunes ficou em 2.º.

A vida recreativa foi aumentando e pelos Santos Populares realizavam-se bailes no quintal.

Até 1926 o futebol continuou tendo a primazia das modalidades, embora nesse ano encontremos um nosso representante na 1.ª Volta a Portugal em bicicleta, o Manuel Simões de Oliveira, que ficou em 6.º, na categoria de fracos. Houve música e foguetes à eira do Paciência, recepção e discursos na Sede e depois um luzido cortejo até à Golegã, onde residia.

Em 1927, talvez devido à questão pela causa do Vale de Cavalos, e quando Alpiarça já ganhava por 4 a 1 à Chamusca, estes começaram a protestar. Foi então que um dos nossos disse que se eles quisessem não valia, e que voltavam ao princípio!

Alpiarça sempre teve dos tesos...

Mas neste interim surgiram al-

Continua na 12.ª página

JUVENTUDE

Juventude, palavra que perturba muito boa gente.

Juventude, rótulo duma classe que tem suscitado nesta última década, múltiplas polémicas por esta extensa terra achatada.

Juventude apelidada de subversiva, rebelde, revolucionária, inconformada, sómente pela simples e natural razão de lutar pela paz, identidade, harmonia e equilíbrio entre os Homens.

Juventude, caluniada e difamada devido às suas aberrações; saltando sobre preconceitos e instituições sustentadas pelos antepassados; tendo conteúdo incrementado e solidificado uma das principais características de relação entre os homens, a fraternidade.

Juventude, motivo de inquietações e insónias para os que governam... contra o Povo.

Sintetizando as palavras precedentes concluir-se-á a perspectiva

com que a Juventude é tida pelas gentes.

Assim, muitas têm sido as pessoas que pintam de negro o futuro da humanidade, dirigida por esses jovens «corruptos» e possuidores dos mais torpes defeitos.

No entanto, leiamos um jornal, ou ouçamos um noticiário, manifestações suficientes para nos apercebermos do Mundo que nos rodeia actualmente. Citemos: guerras, lutas, fuzilamentos, assassinios, subalimentações, subempregos, sub...

Portanto, situação mais caótica do que presentemente se verifica neste planeta, seria ilegítimo profetizar.

Confiem nos Jovens, com as suas neo-concepções sobre a vida, o Mundo e os Homens porque não se arrependirão... e todos lucrão.

Guterra

Contribuições para a história do Clube

Continuação da 11.ª página

gumas dificuldades de ordem administrativa e financeira, a primeira das quais foi vencida, talvez, pela teimosa carolice de um director Augusto Marques da Silva (Augusto Tanoeiro), que desempenhou, simultaneamente, todos os lugares da Direcção. Também a segunda se debelou mercê da boa vontade de poucos sócios, nomeadamente de Francisco Vicente Noronha (Rato).

O movimento associativo ia crescendo, as famílias dos sócios queriam reunir-se, as filhas pediam bailes e as Direcções viam na satisfação desses desejos uma maneira de «segurar» muitos sócios, alheios aos problemas colectivos do Clube, como o Desporto e a Cultura, por exemplo.

E então, no Inverno e Primavera iam dançar para a escola, mas um ano, cre-se para 1927, alguém se antecipou e houve que recorrer a um celeiro, então armazém de cereais, com muitas tulhas e um piso de alcatrão. Situava-se nos números 3 a 7 da Rua Nova, agora Rua Comandante Fontoura da Costa.

Boa ideia, se atendermos a que a maioria dos olhares logo se voltou para aquele casarão que poderia vir a ser a nova sede dos Águias e no qual agora vamos realizar uma Festa de Despedida. E se nisso se pensou melhor se actuou, e então, em 1928-29, o Alpiarça Futebol Clube «Os Águias», foi para a nossa Sede, com recibos de renda em nome de Mário da Rosa Paulino (Mário Anastácio), que se responsabilizou perante a senhoria.

Em metade do celeiro construiu-se um teatro, com palco, balcão e 2 filas de camarotes, sob o impulso de Joaquim Rodrigues da Silva e Dr. João Maria da Costa, comprometendo até o primeiro o seu nome como garantia dos artigos adquiridos em estabelecimentos locais. Para a outra metade comprou-se um bilhar, instalaram-se camarins, gabinete da Direcção, bufete, umas argolas para ginástica. Montou-se luz Vizard e adquiriram-se uns Petromaxs.

E a partir daqui, cerca de 1932, começa um período mais intenso de vida associativa, recreativa, desportiva e cultural, registando-se, neste lapso de tempo, muito boa actividade na prática de Voleibol, Futebol, Basquetebol, Ciclismo, Ciclo-Turismo, Pingue-Pongue, Bilhar, Atletismo, Patinagem, Xadrez, Campismo, Pesca, Grupo Cénico e o aparecimento da Secção Cultural, em 1942, com a inauguração de uma biblioteca, a realiza-

ção de conferências seguidas, por vezes, de colóquios, as leituras comentadas, a publicação mensal de um jornal de parede (mural), as sessões de cinema cultural, a exposição com venda de livros, o número único de um boletim impresso, comemorativo do 31.º aniversário do Clube.

Entretanto, e porque o número de sócios era já bastante elevado — 5 ou 6 centenas — e nos bailes havia que fazer séries que chegavam a 4, processou-se a anexação, por trepasse, das contiguas salas do cinema e casa do motor, a primeira dando para a Rua José Relvas, para onde se mudou a sede e passando todo o anterior edifício a Salão de Festas.

Há que assinalar além da aprovação oficial do Estatuto, as suas alterações de nome, uma por imposição superior, passando para Clube de Futebol «Os Águias», de Alpiarça, e outra bastante recente, por deliberação dos sócios em Assembleia Geral, que lhe deu o actual Clube Desportivo «Os Águias», de Alpiarça.

É portanto a partir de 1942 que as mais diversas manifestações desportivas e culturais se passam a efectuar.

Assim:

BILHAR — Embora tenha algumas dezenas de praticantes e desde que se fez o «I Campeonato Inter-Sócios» (e único) há aproximadamente 28 anos, esta modalidade encontra-se mais ou menos parada, embora exista um bilhar na nossa Sede.

Esta modalidade pode ser incrementada a partir do momento da inauguração do Ginásio-Sede visto que há espaço suficiente para isso e na medida em que se torna uma fonte de receita para o Clube, caso se estimele como deve ser, todo o material para a sua prática.

PINGUE-PONGUE — Desde a mudança de Sede que não é possível a prática desta modalidade devido ao facto das instalações serem bastante reduzidas neste momento, esperando-se contudo um futuro mais ou menos risonho quando da inauguração do Ginásio-Sede.

Teve alguns praticantes entusiastas e habilidosos chegando a concorrer a diversos campeonatos, destacando-se entre outros:

— I e II Campeonato da Casa do Ribatejo;

— Em Outubro de 1948 um Campeonato Inter-Sócios;

— Diversos Campeonatos Inter-Sócios.

— Campeonatos Regionais.

CICLISMO — Por volta de 1950 retoma-se a actividade ciclista com a realização da prova «5 Voltas ao Campo», sendo essa equipa, quase pioneira da modalidade, formada à base de: António Luís, Aníbal Costa, Josué Moraes e José Domingos. Nesse ano António Luís conquista a primeira prova, no historial de «Os Águias», a nível nacional (1.ª Pedalada).

Em 1951 participa-se nas seguintes provas: — Campeonato Regional do Sul, Camp. Nac. de Amadores Juniores e em colaboração com a A. C. S. organizámos o I Lisboa-Alpiarça, e participámos ainda no IV Circuito de Rio Maior.

Em 1952 devido às grandes despesas inerentes com a manutenção desta Secção, é proposto em Assembleia, a extinção do ciclismo, mas devido a alguns «carolas» e ainda à dedicação e correcção dos ciclistas, assim como ao esforço que davam para o prestígio do Clube, foi novamente proposta a sua manutenção, embora com uma profunda redução de despesas. É nesta altura que, dirigentes associados e alguns particulares vêem a necessidade de fomentar a prática do ciclismo, incentivando as camadas mais jovens. Realizam-se algumas provas de carácter regional, a fim de chamar a juventude para esta modalidade. Neste ano começam os sócios a sacrificar a sua bolsa com o fim de conseguirem levar os ciclistas às provas de maior nomeada, entre as quais destacamos a «V Volta ao Algarve».

Em 1953, em reconhecimento pelas provas prestadas durante o ano, José Domingos e Aníbal Costa levam pela primeira vez o nome de «Os Águias» a terras estrangeiras, com a sua participação no «Prémio Pirelli» em Roma. Registamos também a nossa presença no Circuito da Galiza.

Na época de 1954-55, surgem problemas entre esta Secção e a Direcção da época devido a uma promessa feita pelos últimos, a qual consistia na entrega de um subsídio para a manutenção do Ciclismo, entrega essa que tinha sido aprovada em Assembleia Geral. Apesar do número reduzido de ciclistas, e das condições que existiam para estimular esses atletas, ainda se conseguiram algumas vitórias, apenas alcançadas mercê do grande brio demonstrado por esses atletas.

continua na 15.ª página

As Assembleias Gerais e os Sócios

Continuação da 3.ª página

-nos a esta fase porque se algum subsídio vier da parte do Estado nós depois iremos acabando com mais alguma ajuda de associados e de particulares.

Pedimos agora a todos os associados aquele interesse que poderá levar ao começo da OBRA.

Em seguida foi apresentada a seguinte proposta:

— Atendendo à obra que se pretende realizar, e mediante um estudo já feito ao possível custo da 1.ª fase do Ginásio e anexos, e parte da estrutura da Sede, cujo estudo orça para além do milhar de contos, e achando que a mesma terá de ser suportada com a participação de todos os Associados, propomos à Assembleia Geral o seguinte:

1.º — Uma quota suplementar para todos os Sócios contribuintes e anuais (masculinos), actuais, e para aqueles que, atingida a idade conveniente, passem a esta categoria;

2.º — Que esta quota seja no mínimo de 1 000\$00 (mil escudos), que poderá ser liquidada em fracções mensais seguidas, no valor de 50\$00 cada.

3.º — Esta comparticipação terá que abranger todos os Sócios actuais e todos os que se proponham pos-

teriormente até ser anulada a validade desta proposta.

4.º — Todos os Sócios à data, isentos, e prestar serviço militar, ou atletas ou ausentes, ficarão obrigados, depois de lida a sua isenção ao cumprimento do disposto nesta proposta.

5.º — Todos os Sócios que se demitam dentro do prazo desta proposta, só poderão ser readmitidos depois de satisfazerem integralmente, e de uma só vez aquela quota suplementar ou o restante se porventura já tiverem liquidado alguma prestação.

6.º — Todas as ofertas já feitas na presente campanha dos mil escudos entram em conta nesta proposta.

7.º — Sem motivo justificado, todo o Associado que tiver um atraso superior a dois meses no pagamento das prestações correrá o risco de ser eliminado.

8.º — Se esta proposta for aprovada entrará em vigor a partir desta data.

9.º — A Direcção pede que, no caso desta proposta ser aprovada, a melhor colaboração de todos os associados com mais possibilidades, a liquidação da mesma de uma só vez.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Proposta apresentada pela Direcção do Clube na Assembleia Geral de 27-9-72 e aprovada por grande maioria:

Considerando que o Clube Desportivo «Os Águias» está comemorando o seu Cinquentenário que se completa dentro de 4 dias;

Considerando que o momento é de satisfação, senão mesmo de euforia, havendo, de parte de cada um, o desejo de apagar ressentimentos, limpando completamente o cadastros de cada um, que na sua qualidade de sócios, alguma vez o hajam manchado;

Considerando que a união de todos os Sócios e a colaboração de todos os Alpiarcenses é, mais do que nunca, necessária para levar a bom termo a realização daquela obra pela qual, desde sempre, o Clube vem lutando,

A Direcção propõe à Assembleia Geral Extraordinária, hoje aqui reunida, que dê por findas as penalidades que, porventura, estejam a ser cumpridas e que elimine, também, todas as outras, incluindo as de expulsão, que alguma vez tenham sido aplicadas.

Se esta proposta for aprovada, a partir deste momento, todos os sócios ficarão em igualdade de condições no que respeita ao seu cadastro de penalidades que, assim, e para todos os efeitos ficará limpo.

A Secção Cultural

Pinhão & Pinhão, Limitada

Agentes das Motorizadas HONDA, ZUNDAP, CASAL e SASCH

Agentes da B. P. — Gás

Agentes da VESPA e da GILERA

Correspondentes dos Bancos: Borges e Irmão
Pinto & Sotto Mayor

Faça uma visita aos seus estabelecimentos onde encontrará tudo para vestir e calçar.

O maior sortido em Electrodomésticos das afamadas marcas
BOSCH, CANDY, RIBER, FAGOR, BLAUPUNKT e GRUNDIG

As maiores facilidades — Os melhores preços

TUDO EM SUA CASA PELO TELEFONE N.º 54155 — ALPIARÇA

António da Conceição Jorge

AGENTE

GAZCIDLA

EIVAL AGRAN

LOIÇAS — UTILIDADES — BRINDES

Rua José Relvas, 236

Telefone 54300

ALPIARÇA

António Veiga de Sousa

MAQUINAS AGRICOLAS

e

PESTICIDAS «BASF»

Telefone 54444

ALPIARÇA

Farmácia Aguiar

RUA JOSÉ RELVAS

Telefone 54424

ALPIARÇA

Máximo Coutinho, Lda.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Artigos Sanitários

Lubrificantes ESSO

Adubos — Insecticidas — Fungicidas

Rua José Relvas, 207

ALPIARÇA

CENTRO DA MODA

LOPES & GERALDES, LDA.

MODAS

SAPATARIA

AGENTES DA JACTO
Limpeza a seco e tinturaria

Rua José Relvas — Telef. 54323 — ALPIARÇA

José Nunes Fidalgo, Lda.

Rádio / Televisão / Electricidade / Utilidades /
Electrodomésticos / Sanitários / Alfaias Agrícolas

Ferro / Ferreagens / Ferramentas / Drogas / Car-
vão / Cimento / Motores / Bombas / Plásticos

Rua José Relvas, 115 / Telef. 54410 / ALPIARÇA

Matias & Costa, Lda.

Refrigerantes RICAL

Rua José Relvas

Telefs. 54161 e 54426

ALPIARÇA

Organiconta

— de —

ANTÓNIO LUIS BENTO SARDINHEIRO

ORGANIZAÇÃO DE CONTABILIDADE

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Papelaria — Livraria — Artigos de Escritório

MATERIAL ESCOLAR

Rua José Relvas, 217 — Apart. 3 — Telef. 54232

ALPIARÇA

Farmácia Leitão

ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS,
ACESSÓRIOS, PERFUMARIAS, ETC.

Rua José Relvas, 333

Telefone 9 54 35

ALPIARÇA

CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DO CLUBE

Continuação da 12.ª página

Na época de 1955-56 não existem dados devido à inexistência, conforme relatório do Conselho Fiscal, do relatório sobre a actividade desta Secção.

Na época de 1956-57 esta Secção devido ao défice apresentado, responsabiliza-se perante a Direcção, por todas as despesas a efectuar. No que respeita à actividade ciclista, os nossos ciclistas fazem uma época brilhante, o que leva ao aparecimento de numerosos convites do estrangeiro, para nos fazermos representar na época seguinte.

Na época de 1957-58 inicia-se uma campanha de chamamento de jovens para virem a representar o Clube, com a realização de diversas «Voltas ao Campo», o que constituiu um grande êxito, porque surgiram grande quantidade de novos valores. No que respeita à categoria de Independentes, registamos uma brilhante campanha, pois os nossos atletas alcançaram alguns primeiros lugares em diversas provas, entre as quais: Campeonato Regional do Sul e Camp. Nacional. Como corolário desta magnífica época (assim como da época atrás) foi convidado para participar na prova «9 de Julho», em S. Paulo, o nosso atleta José Manuel Marques. Neste ano vivemos horas de dor, com a morte de dois ciclistas espanhóis, numa etapa da Volta a Portugal, que terminou na nossa pista. Ainda nesta época se realiza um Campeonato entre Bairros de Alpiarça, destinado a Populares, saindo vencedor Libério Delares. Como também se evidenciou nesta época, Lima Fernandes é convidado a frequentar uma escola de preparação de ciclistas, em França.

Na época de 1958-59, continuamos a brilhar devido à magnífica classificação em Campeonatos Regionais e Nacionais, assim como na Volta a Portugal.

Em 1959-60 começa-se uma tentativa de redução do défice desta secção. Mercê de grandes esforços enviados por alguns associados conseguiram uma redução quase total. (250 000\$00 para 26 841\$70).

Na época de 1960-61 registamos a participação de António Pisco na Volta à Espanha e a selecção de Lima Fernandes e Agostinho Correia à Volta à França. Só não se deslocaram devido aos seus afazeres militares.

Em 1961-62 em reconhecimento dos serviços prestados pelo atleta Lima Fernandes, é criada uma Comissão de angariação de fundos com o fim de o auxiliar na constru-

ção de uma residência. Recrutam-se novos elementos com o fim de o Clube poder manter os seus pergaminhos na modalidade.

Realizam-se inúmeros festivais com o fim de angariar fundos para a redução do défice existente o que embora não se conseguisse, o reduziu substancialmente.

Em 1963 devido a diversas divergências na orgânica desta Secção, é pela primeira vez convocada uma reunião a fim de marcar posições e regulamentar as tarefas de cada componente, prevendo-se sanções em caso de renitência em obedecer às tarefas de cada um indicadas.

Em virtude da equipa que representa «Os Águias» na Volta a Portugal não ter correspondido ao que se esperava, foi resolvido suspender o técnico José Martins, visto ter-se verificado a inutilidade desse mesmo técnico na orientação dos nossos ciclistas. Foi ainda deliberado que se apliquem sanções aos ciclistas que se não apresentem em condições nas provas.

Em virtude da grave situação económica que o Clube atravessava, começa a surgir nuvens negras nesta Secção, já que se pensava que só com a extinção da mesma, esse excessivo défice seria superado.

Em 1964 — a situação financeira apresenta-se um pouco melhor e novamente o ciclismo surge com todo o seu esplendor, mas também devido à «carolice» de meia dúzia de indivíduos que formaram uma comissão de organização de fundos.

Neste ano «Os Águias» concorrem às seguintes provas:

Festival de Loulé — Prova de Abertura — Campeonato Regional — Campeonato Nacional de Fundo — Campeonato Regional (por equipas) — Campeonato Nacional (por equipas) — IV Grande Prémio Robbials e Volta a Portugal.

Na época de 1965-66 a actividade desta secção é modestíssima, conforme o relatório da comissão na altura nos diz:

«Foi modestíssima a nossa acção na época em que findou, embora até à «Volta a Portugal» tivéssemos participado nas provas de maior relevo, e modestíssima mais em virtude da qualidade mercenária de parte dos atletas ou pseudo-atletas que nos representaram e que não deram o mínimo do seu esforço para honra das nossas cores, não por falta de meios ou apoio, que esses os tiveram tão bons ou melhores que os representantes dos grandes clubes.

A falta de carácter pessoal e brio desportivo, da parte de quem nos representou, não só prejudicou o nosso clube, como acima de tudo o desporto, que não só Alpiarça como a região têm dado justa forma desportiva.

Mas isso não significa todavia que façamos acusação generalizada a todos os jovens atletas, que por vezes abnegadamente procuram honrar-se, honrando as suas cores.

Embora se tenham verificado grades nuvens negras nesta secção, esta teve o grande mérito de projectar o nome do Clube e de Alpiarça em todos os quadrantes do espaço nacional e internacional.

Nesta altura finda a actividade da modalidade que tantas horas de glória nos deu.

E findou porquê?

— Talvez devido ao excessivo défice apresentado ao longo da actividade?

— Talvez devido ao défice de 309 960\$00. Para um Clube de envigadura de «Os Águias» era simplesmente catastrófico. Culpas de quem???

— Talvez do descrédito dos associados para com os ciclistas, devido à falta de carácter pessoal e brio desportivo dos mesmos... Não nos esqueçamos que esses mesmos atletas conquistaram glórias que perduram para sempre no historial do Clube!

— Talvez ao descrédito da massa associativa para com os dirigentes, devido principalmente ao factor destes não terem sabido controlar a actividade da Secção que era então a mais querida e apreciada, não só pela massa associativa do Clube como também por toda a população de Alpiarça...

— Hoje, que os ânimos já esfriaram, pensemos com frieza sobre os factos passados:

— Porquê, a ajuda na construção de uma só casa a um só ciclista?

Que teriam sentido os outros atletas vendo esta pura demonstração de descriminação e falta de civismo? Claro que não podiam representar as cores do Clube com o melhor dos seus esforços, porque sabiam de antemão que não seriam recompensados com igualdade.

Ilustram estes factos as deficiências orgânicas que minavam esta Secção.

Não serão estes acontecimentos

Continua na 17.ª página

| | | |
|---|---|--|
| <p>Mercearia Santos de ANTÔNIO DOS SANTOS Especialidade em Sortido Fino. Agente da Companhia de Seguros ULTRAMARINA Rua José Relvas, 148 Telef. 54273 ALPIARÇA</p> | <p>Abel Pinhão VINHOS, AGUARDENTES E AZEITES <i>Caldeiras de Destilação</i> <i>Lagar de Azeite</i> 222 — Rua José Relvas — 224 Telef. 54330 ALPIARÇA</p> | <p>TEL R A D I O Fernando S. Jorge AGENTE OFICIAL DA AEG — TELEFUNKEN Electrodomésticos — Rádio — TV — Máquinas de Costura — Depositário SONAP GAS OFICINA DE REPARAÇÕES Rua Silvestre Bernardo Lima, 208 Telef. 54350 ALPIARÇA</p> |
| <p>A Tranquilidade SEGUROS REPRESENTADA POR ANTÔNIO PEREIRA Telef. 52364 ALMEIRIM</p> | <p>IZIDRO DOS SANTOS Rádio / Televisão / Electro- mésticos / Motores e Bicicletas Rua José Relvas, 232 Telef. 54292 ALPIARÇA</p> | |
| <p>Organização "JOMEL" João Rodrigues de Mello CONTABILIDADE SEGUROS REPRESENTAÇÕES Rua da Junta, 9 e 9-A-1.^o Telef. 54334 ALPIARÇA</p> | <p>Visite RETIRO PICADOR de ANTÔNIO LUÍS FELICIANO Almoços e jantares Excelente pão (fábrica da casa) Vinhos e seus derivados Rua José Relvas, 570 Telef. 54132 ALPIARÇA</p> | <p>João P. Tavares Modas / Novidades / Confecções Rua José Relvas, 181 Telef. 54364 ALPIARÇA</p> |
| <p>Augusto da Luz Guerra LOIÇAS E VIDROS SALSICHARIA: Mercado Municipal <i>Esmerada preparação de carnes</i> <i>fumadas e salgadas</i> MERCEARIA: R. José Relvas, 91-91B <i>Mercearias, Cereais, Legumes,</i> <i>Chás, Cafés, Manteigas, etc.</i> Telef. 54276 ALPIARÇA</p> | <p>MÓVEIS MOISÉS MARQUES Estofos — Decorações Agente do Papel COLOWELL</p> | <p>ALFAIATARIA LUIS SANTOS Rua Silvestre Bernardo Lima, 40 Telef. 54415 ALPIARÇA</p> |
| <p>VULCANIZADORA MODERNA Antônio Herculano Marques Agentes dos famosos Pneus Mabor / Fapobol / Continental Telef. 54341 ALPIARÇA</p> | <p>Café Brasileira de Aires Ferreira Rodrigues Telefone Público 54220 Rua José Relvas, 121 / Alpiarça</p> | <p>Ourivesaria RAMOS OURO — PRATA — JÓIAS Rua José Relvas, 70 ALPIARÇA</p> |
| <p>Adelino Vitor Oficina de Reparações em Automóveis <i>Máquinas Agrícolas e Industriais</i> Posto SHELL Agente das Baterias ARGA Rua José Relvas — Telef. 54496 ALPIARÇA</p> | <p>SALÃO MALHOU CABELEIREIRO DE HOMENS Rua José Relvas, 68 ALPIARÇA</p> | <p>Mannel Mendes Calado, Lda. Mercearias, Fazendas, Calçado, Loijas, Cereais, Farinhas para gado, Fungici- das, Drogas, Café, Cervejaria, Vinhos Rua Silvestre Bernardo Lima, 109-115 Rua Joaquim Monteiro Raposo, 16-22 Telef. 54294 ALPIARÇA</p> |
| <p>DROGARIA CARVALHO PAPELARIA BRINQUEDOS ALPIARÇA</p> | <p>Retiro do Marreco VINHOS E PETISCOS Rua Manuel Paciência Gaspar, 1 ALPIARÇA</p> | <p>Café Mac-Braide VINHOS E PETISCOS Rua José Relvas ALPIARÇA MÁRIO RODRIGUES CARVALHO ALFAIATARIA Rua Maria Luísa Falcão, n.º 15 ALPIARÇA</p> |

Contribuições para a história do Clube

Continuação da 15.ª página

uma experiência, adquirida e vivida e não servirão eles para nos apontarem de futuro qual o melhor caminho a seguir? — Pensamos que sim?

CAMPISMO — Chegou a ter um número de 16 inscritos, o que na altura (1950), era bastante bom.

Participou em diversos acampamentos:

II Acampamento Nacional, em Santarém.

I Acampamento do Benfica, em Loures.

I Acampamento de Alpiarça na Caldeira.

Em 1953 tinha a sua actividade de suspensão temporariamente.

Mais tarde retomou a sua actividade normal e neste momento, embora não tenha atingido o desenvolvimento que seria de esperar, na altura em que tanto se fala de poluição, já conta mais ou menos com vinte inscritos.

Seria necessário, para o ano (já que agora o tempo não é próprio a esta prática desportiva), se quisermos incrementar o gosto pelo Campismo, fazer-se um Acampamento, já que houve há aproximadamente um ano uma tentativa de restabelecimento do mesmo, levada a cabo pela Secção Cultural e que seria mais propriamente um Campo de Férias, não foi avante, devido a condições impostas pelas autoridades competentes.

Esta iniciativa do Campo de Férias seria uma das maneiras de divulgação e informação dos benefícios desta modalidade, já que actualmente existem as condições ideais para desenvolvimento e expansão da mesma dentro do Clube, como sejam as facilidades de meios de transportes, facilidade de aquisição de material campista, e a necessidade de repouso das pessoas durante um determinado período de tempo.

PATINAGEM — Secção que teve o seu apogeu em 1947, conseguindo reunir um bom número de praticantes.

Presentemente está «esquecida» devido ao mesmo problema de outras secções, isto é, a falta de instalações para a prática e desenvolvimento.

A partir da construção do Ginásio deve-se apoiar esta actividade, visto esta interessar a ambos os sexos e não ser muito dispendiosa.

VOLEIBOL — Modalidade muito interessante que conquistou nu-

meros praticantes dos dois sexos, facto este de salientar bastante, atendendo ao meio no qual o mesmo se verificou.

Não é desporto rico, com grandes receitas, mas é capaz de estender os seus benefícios a muitas dezenas de jovens, sendo talvez o que mais convenha a certos organismos (englobando-se entre eles o nosso, num futuro próximo) ou aquele que certos desportistas mais gostam, visto ser um desporto de Salão (Ginásio).

Também a despesa para o manter é diminuta (bolas e redes).

E de aconselhar o seu recomeço após a inauguração do Ginásio-Sede!

PESCA — Foi praticamente no ano de 1957 que esta Secção iniciou a sua actividade, com a inscrição de 40 sócios na Associação do Centro de Pesca Desportiva.

Foi destes 40 sócios inscritos que se foram buscar elementos para participar em 12 provas, mas só em 4 se conseguiu mais ou menos uma aproximação aos 15 Clubes que habitualmente entram nestas provas, e conquistaram-se 32 troféus, que foram: — 10 Taças, 8 medalhas, 6 medalhões, 1 galardão e dois objectos de arte. Uma das taças era nessa altura a maior taça do Clube.

O no de 1959 foi um ano de intensa actividade. Fez-se representar «Os Águias» em 17 concursos Inter-Clubes, realizados por outras tantas agremiações. O total de representantes do nosso Clube nessas provas foi de 192, sendo em média 11 por cada concurso. Nelas foram conquistados: 6 taças por equipas, além de uma mão definitiva com o 1.º lugar, dois segundos, três terceiros, dois quartos e um quinto bem como a inscrição numa taça atribuída pelo Belvenense a disputar em dois anos seguidos ou três alternados.

Individualmente conquistaram-se 45 taças e 46 medalhas distribuídas por dois primeiros lugares de Senhoras (notar a presença de elementos femininos); um primeiro, um segundo e um terceiro infantis; dois primeiros, um segundo, um terceiro, três quartos, três quintos, três sextos, dois sétimos, dois nonos, quatro décimos, etc., tudo isto entre um número de concorrentes que oscila entre 220 e quase 500.

De salientar o facto de todas as despesas, quer de inscrição quer de transportes terem sido totalmente suportadas pelos próprios

representantes do Clube, o que comprova a dedicação e o brio que as pessoas manifestam por determinado objectivo, mais essencial para o progresso de qualquer empreendimento.

O ano de 1961 foi o de maior desenvolvimento registado até à altura. Desde as treze provas Inter-Clubes em que «Os Águias» se fez representar, que movimentaram 193 concorrentes, às cinco provas do campeonato que movimentaram 178 concorrentes, até aos dois Inter-Clubes organizados pelo Clube, que movimentaram cerca de 528 concorrentes.

Toda esta actividade teve a devida recompensa material, recompensa essa que permitiria a continuação da actividade desta Secção. De salientar também que este balanço só foi possível devido ao espírito de sacrifício da maioria dos pescadores, pois para todas as provas em que o Clube se fazia representar, os concorrentes se deslocavam em furgonetas e camionetas de carga, coisa que sucedia e sucede apenas com os pescadores de Alpiarça.

O ano de 1963 é marcado por um facto interessante: realizou-se o anual concurso Inter-Clubes (o 7.º) com a presença de 230 concorrentes representando 18 Clubes, e verificou-se que o número de capturas não foi notável. Razões apontadas, entre outras: «os esgotos das diversas indústrias correrem na prática, quase que directamente para o rio e desaguiarem muito acima do que seria aconselhável, o que contribui para o aniquilamento das espécies ou força a sua emigração»; «a falta de repovoamento».

Estas razões perduram há anos. Até quando?

De salientar, novamente, o apelo feito pela Comissão Orientadora da Secção à sua Direcção — «pena é que o nosso Alpiarço continue a ser tão desprezado pelas entidades oficiais, pois poderíamos ter aqui, em Alpiarça, todos os anos, algumas centenas de pescadores das mais variadas regiões do País (...) bastaria para tanto que os esgotos...

(...) Mais ainda que a protecção das espécies piscícolas, teríamos um pouco mais de protecção à saúde pública, sabido como é que o mau cheiro que temos que suportar durante vários meses, a todos incomoda».

Em 1967, é já evidente o progresso desta Secção. Além de econó-

Continua na 19.ª página

Artigos Ortopédicos

Perfumarias

Higiene Infantil

Águas Medicinais

Acessório de Farmácia

Especialidades Farmacêuticas

Avia todo o receituário

Farmácia Gameiro, Sucr.

Rua José Relvas, 101 - 103

ALPIARÇA

Fornece todas as Caixas de Previdência, Casas do Povo, A. D. S. E., Serviço Social do Ministério da Justiça, Companhias de Seguros, etc.

Seguros em todos os ramos

João Albano Ribeiro Ferreira

Agente oficial das Companhias
METRÓPOLE — LA EQUITATIVA

Telef. 54365

Rua José Relvas, 101

Contribuições para a história do clube

Continuação da 17.ª página

micamente auto-suficiente, realça-se a compra de um autocarro para transporte dos concorrentes do Clube.

Pode-se dizer que a actividade da secção de pesca do nosso Clube começou em Março de 1958.

Desde então têm sido realizados, todos os anos, pelo menos uma prova inter-clubes, diversas outras inter-sócios, como o Campeonato Anual e de Toda a Época, a de Aniversário, e muitas outras extras, como as de Abertura, de Inverno. Salientamos, finalmente, a acção desta Secção, continuando como sempre representando o Clube e a nossa terra em diversos pontos do País, mantendo-se apenas de fundos da sua actividade.

Que continuem, pois!

CULTURAL

Actividade — registe-se, à partida, um facto que tem sido comum ao longo de anos e anos de actividade cultural: à parte curtos períodos de realizações culturais (colóquios, teatro, cinema, grupos cénicos) que correspondem geralmente a iniciativas individuais e que acarretam ou podem acarretar largas camadas de sócios, à parte isto, dizia, toda a actividade cultural é caracterizada sempre por um desinteresse «alarmante» da parte dos associados, em relação aos assuntos da Biblioteca e da própria leitura.

Factos — 1948 — a Secção tem seis anos de vida — começa aqui o esforço por parte dos bibliotecários, no sentido de dotar a Biblioteca com novas obras literárias de importância. Para isso recorre-se ao auxílio da Direcção do Clube, no sentido de ser concedida uma verba periódica para custear as despesas com aquisição de livros e remodelação das instalações. Começa neste ano um novo tipo de trabalho, no sentido de cativar e interessar os sócios pela leitura — as leituras comentadas de livros com interesse evidente, para melhor compreensão dos mesmos por parte de uma maior camada de associados.

Com vista à angariação de fundos também se recorre por vezes a espectáculos recreativos.

Nota-se o conceito embrionário de parte dos orientadores da Secção Cultural que o seu trabalho, deve ser feito de dentro para fora; quer dizer, para interessar as pessoas, para as avisar que existe uma secção a conhecer e a compreender, é necessário haver um incentivo para essas pessoas.

Nessa altura, compreende-se já que só as realizações culturais podem atrair as pessoas, chamá-las, cultivar-lhes o gosto pela cultura!!!

Para isso é criado um curso de Francês; é criado um Jornal de Parede que viria a ser publicado periodicamente e que constituiria uma das primeiras e mais valiosas tentativas de informações dentro do clube; são exibidos vários filmes no dia do aniversário da Secção.

Em 1949, surge pela primeira vez um intercâmbio cultural entre duas congéneres dos clubes de Alparça — são concedidos por empréstimo à S. F. A. 1.ª Dezembro determinado número de livros para figurarem numa exposição dessa Sociedade. No entanto tal empréstimo só foi concedido mediante autorização da Direcção. Continua a ser publicado o jornal de parede.

Em 1950 realiza-se uma conferência sobre «Modernas Tendências do Desporto», feita pelo Dr. João Pereira Bastos.

Dois sessões de cinema, com filmes cedidos por embaixadas, para comemoração do aniversário da biblioteca. Continua a ser publicado o jornal de parede.

Em 1951, realiza-se nova sessão de cinema para comemoração do aniversário da biblioteca.

Verifica-se a falta de verba da secção para fazer face aos encargos mínimos da sua actividade.

É aprovado o projecto do novo regulamento para a Secção. São efectuadas duas sessões de cinema cultural. Continua a ser publicado o Jornal de Parede.

Em 1952 é realizada uma exposição com vendas de livros, por ocasião do aniversário da Biblioteca. É pedido novamente à Direcção um subsídio para custear as despesas inerentes com a Biblioteca. Continua portanto esta secção a viver em grande dificuldade. São exibidos dois filmes cedidos por embaixadas, para comemorar o aniversário da Biblioteca. Pela primeira vez surge uma tentativa de explicação da procura de livros por parte dos sócios, como reflexo de um determinismo de causa. Encarregou-se Carlos Pinhão de fazer esta explicação estatística.

1953 — Realização de uma palestra por Alexandre O'Neill, com recital de poesia. Continua a publicação do Jornal de Parede. É publicado um número impresso de jornal, porta-voz da Direcção junto dos sócios, e tribuna (pseudo) onde os sócios expunham os seus pontos de vista sobre os mais diversos assuntos que diziam respeito ao Clube. Foi oferecido ao Clube, pelos herdeiros do Dr. Joaquim Pratas, a Biblioteca particular de seu pai.

1954 — O grupo dramático da S. F. A. 1.ª Dezembro oferece-se para representar dois espectáculos para os sócios deste Clube.

1955 — Cria-se uma Comissão de iniciativa e angariação, que tem por objectivos principais tomar a seu cargo todas as iniciativas tendentes a angariar fundos, a fomentar o aparecimento de novas comissões, a ajudar as outras comissões do Clube e a própria Direcção e duma maneira geral tudo o que possa ser de interesse para o Clube.

1958 — Uma única conferência subordinada ao tema «Parto sem Dor», pela dr.ª Cesina Bernardes.

1964 — Após longo período de letargia, forma-se nova comissão de bibliotecários e reconhece-se que tem de recomeçar-se de novo com a vida da Biblioteca, comprometendo-se os seus membros a irem para diante com a Secção Cultural.

Realiza-se uma conferência sobre Teatro, por Rogério Paulo. Registamos para 1965 o parecer do Conselho Fiscal rela-

tivo a esta Secção: «Supomos que o movimento de requisições para leitura é escasso em relação ao número de sócios, o que significa uma deprimentia apatia, todavia, como tudo tem uma explicação, este fenómeno também tem, mas isso é outra história...»

Em 1966 esta Secção levou à cena duas peças teatrais de autoria de A. Tchecov e um recital de poesia. Apesar de representada por jovens amadores sem experiência, a representação foi do agrado geral.

1968 — O empobrecimento material da Biblioteca e espiritual dos bibliotecários é manifestado espontaneamente na realização de uma matinée dançante, para angariação de fundos para a Biblioteca.

Por outro lado é enviado ao «Jornal Voz de Alparça» algum noticiário alusivo ao movimento da Biblioteca.

Após mais um período de letargia em 1971 são projectados vários filmes culturais no Salão da S. F. A. 1.ª Dezembro, em colaboração com a sua Secção Cultural. Registamos para 1972, para finalizar, a realização de sessões de cinema cultural; a representação, pelo Teatro Laboratório de Lisboa, da grande «Cegada dos Touros, Mulheres e Fado»; a realização de duas conferências — uma sobre Teatro por Rogério Paulo e outra sobre Desporto por Sérgio Ribeiro; uma Exposição de Pintura, Desenho e Trabalhos Manuais, a bi-representação dos autos de António Aleixo, «Curandeiros» e «Ti Joaquim», e a própria coordenação deste Jornal.

Como corolário desta descrição, observe-se que existem 1600 volumes para consulta domiciliária do sócio leitor, além dos 1850 volumes que constituem a Biblioteca do dr. Joaquim Pratas e que se encontram ao dispor do sócio leitor para consulta directa no gabinete da Biblioteca.

FUTEBOL — Foi a primeira modalidade do Clube, nascida quando o mesmo foi fundado em 1 de Outubro de 1922.

Muitos dos fundadores já não estão junto de nós, outros como sócios mais antigos, já não se lembram muito bem desses tempos, pois muitas actas ardearam no dia 16 de Julho de 1965, quando do incêndio. Sabe-se que as dificuldades eram muitas, desde os transportes de balizas até ao transporte dos jogadores.

De 1943 até 1950, praticamente não se praticou esta modalidade, embora já se tivesse discutido numa assembleia geral em Abril de 1938, a necessidade dum terreno para construção dum campo de jogos. Em Outubro de 1943 foi posta de parte, mas em 1945 a ideia começou a tomar forma, dada a existência dum grupo de futebol, fundado por diversos alparcenses. Na época 46-47 a equipa foi oficializada perante o Clube, mas não entrou em campeonatos. Mais tarde, em 1950, foi adquirido terreno, onde é agora o estádio municipal. A partir desta data, o futebol tomou novo incremento, participando a equipa sénior em diversos campeonatos, conseguindo passar a divisão superior. A partir de 1955 deixou-se novamente de praticar futebol, dado o incremento do ciclismo. A partir da época 64-65 retomou «Os Aguias» a actividade futebolística, com uma equipa de juvenis, tendo conquistado os títulos: 1967-68, Campeões Regionais e Distritais. No Nacional, ficou em 3.º lugar. Na época de 68-69, foi Campeão Regional e Vice-Campeão Distrital.

No ano de 1967-68, foi criada uma equipa de seniores, tendo passado à 1.ª Divisão Distrital, onde se mantém ainda.

Da nossa actividade desportiva, eis os troféus existentes no Clube: 334 taças; 5 troféus, todos distribuídos pelas modalidades Pesca, Ciclismo, Futebol e Pingue-Pongue. Existem ainda algumas sem referência.

A Secção Cultural

O Teatro ontem e hoje

Já em 1953 se falava de motivos de sobra para levantar o grupo Cénico de «Os Águias», e creio que ainda hoje em 1972, perto de 1973, os mesmos motivos existem apesar de estarem «à beira de um abismo».

No entanto, e antes de passar concretamente aos porquês dos «abismos», da existência do teatro, e nomeadamente da actual existência de um Grupo Cénico de «Os Águias», não julgo inconveniente, antes pelo contrário, fazer uma breve referência do que foi a vida do Clube no que respeita a teatro nos anos passados (e bem passados...).

Em 1946 foi levada à cena «Máscara Verde», na qual, entre outros, figuravam João Serrano, Carlos Freilão, Fernando Pires, Joaquim Matias, Orlando Viana, Mário Favas, Raquel e Jusiane Guerra.

Em 1953 foi apresentada a peça «A Pérola das Sogras» em que entraram entre outros: — Fernando Pires, Joaquim Matias, António Fidalgo, Raquel e Noémia Pinto.

Segundo a opinião de pessoas que assistiram e figuraram na peça de 53, a iniciativa da criação de um grupo de teatro nasceu por uma questão de necessidade de fazer teatro em prol da Secção Cultural.

Parece que antigamente tanto co-

mo presentemente, houve dificuldade em encontrar colaboradores, nomeadamente do sexo feminino, pela simples razão do «parece mal» (não interessa a quem...). Mas em contrapartida, qualquer rapariga que tivesse a felicidade de obter a autorização dos pais para pisar o tablado gostava de o fazer quer por sentir que fazia algo de útil para si própria ou para os outros, quer por simples exibicionismo.

Para os figurantes das peças em geral, o teatro fazia-os aproximar deles próprios e dos outros. Para o público (segundo determinada opinião) o teatro era algo que educava e instrua. (Oxalá a maioria das pessoas que presentemente vão ao teatro, e

são tão poucas, assim pensassem). No entanto apesar disso e além das salas se terem encontrado sempre cheias nas iniciativas anteriores, parece (e eu embora não fosse nascida nessa altura, acredito) que o teatro não foi verdadeiramente compreendido. Mas afinal que poderiam esperar os seus colaboradores, se se notava tanta inexperiência entre eles, tanta timidez, ao pretenderem fazer teatro a sério sabendo como sabiam que não tinham público para ele?

— Contra factos não há argumentos!

Debruçando-nos sobre o conteúdo actual das duas peças que foram apresentadas «Auto do Curandeiro» e «Auto do Ti Joaquim», vemos que

Continua na 6.ª página

Algumas coisas sobre Desporto

Chegou o sábado. O homem olha o dinheiro que ganhou durante a semana, pensa em X do bilhete, mais trinta paus do combóio que afinal até podem ser poupados indo na camioneta do Zé. Soma-lhe um tanto para outras despesas, e

diz à mulher: — Amanhã vou a Lisboa ao futebol.

E no domingo ele e os outros lá vão à Capital. Vê o desafio que o preocupava desde quinta-feira, o seu clube até ganhou, à noite vai ao parque Mayer, volta na camioneta do Zé, curte uma talvez pequena bebedeira, e na segunda-feira espera ávidamente o fim do trabalho para ir comentar e ouvir falar do acontecimento da véspera; e irá dormir descansado porque o João, o Luís e o Tónio concordam com ele: Os três golos da equipa A foram fantásticos e os dois da

Continua na 9.ª página

Contribuições para a história do Clube

Ao programarmos a elaboração deste jornal, tínhamos previsto a compilação de um artigo de fundo que retratasse tanto quanto possível a vida do Clube ao longo dos 50 anos da sua existência. Deparamo-nos, no entanto, diversas dificuldades no que diz respeito principalmente à aquisição de dados que não se encontravam manifestados em actas.

Procurámos, dentro do possível, contornar essas dificuldades, e resolvemos apresentar a todos os leitores uma informação acerca da vida das secções do Clube, acompanhada por um artigo anteriormente escrito pelo sócio Gabriel Pinhão Fidalgo, e que agora transcrevemos novamente, não só por comentar a vida do Clube até uma determinada altura, mas também por ser complementar e anterior a alguns factos que revelamos agora já compilados, e acompanhados de observações que julgamos oportuno fazer.

Com o desaparecimento de alguns livros de actas de Assembleias Gerais e da Direcção e com a destruição de outros pelo incêndio ocorrido há anos, vai-se tornando cada dia mais difícil coligir elementos para uma «História de Os Águias», até porque na memória de alguns que são do período gestatório e o ensinaram a andar, há já certa imprecisão de datas. Só alguma aproximação no tocante a anos.

Tivemos, por isso, que nos basear nas informações colhidas, sujeitas portanto, a possíveis rectificações.

Tem o nosso Clube existência oficial a partir de 1 de Outubro de 1922, mas havia já certo tempo — um ano? — que alguns jovens, entusiastas de futebol, talvez sob a influência de Joaquim Francisco Calado, se constituíram em grupo e começaram jogando e disputando alguns encontros com agrupamentos de concelhos limítrofes.

Continua na 11.ª página

Duas Cartas

Embora pouco frequentada, a conferência tinha corrido bem. Notava-se isso na sua fisionomia, perfeitamente. Notava-se a sua satisfação por ter sabido controlar a conversação mantida anteriormente, e por tal sabido fazer-se compreender. Nós também estávamos satisfeitos por tudo o que acontecera. E estávamos satisfeitos também por podermos nesse momento contactar com ele e com ele trocarmos impressões relativas a «tudo». Resolvemos aproveitar oportunamente aquele momento de repouso, e pedimos-lhe que escrevesse um artigo para o jornal do Clube.

Ele acedeu amavelmente ao nosso pedido, mas avisou-nos que po-

Continua na 4.ª página